



CENTENARIO DE JOSÉ BONIFACIO, O MOÇO.

Discurso proferido, em nome da Congregação,
pelo Prof. Dr. CARDOZO DE MELLO NETO.

No mesmo anno em que surgem as Academias do Norte e do Sul — os dois centros de consciencia juridica e de cultura moral do Brasil — nasce aquelle a quem o Destino reservára a refulgencia de vir a ser o orador e homem d'Estado, o poeta e professor de Direito que, em seu tempo, foi conhecido por — JOSÉ BONIFACIO, o moço, para se differenciar do outro, de quem tanto se approximava pelo amor á Patria e pratica de todas as virtudes — o Patriarcha da Independencia, seu tio e seu avô.

“Poeta, orador, mestre, estadista, lidou com a sociedade de seu tempo pelos orgams de relações mais sensiveis que ligam o homem á vida intellectual, na civilização coetana: pelo idéal, na lyra; pela eloquencia, na tribuna; pela mocidade, na cathedra; pela controversia, na imprensa; pela politica, no parlamento” (RUY BARBOSA).

Todos os logares que occupou rutilam da luz deixada por elle. “A luz, sois vós”, dizia FERREIRA DE MENEZES, no banquete politico academico de 1868, crystalizando o sentir geral da Nação. “Quando aquella cabeça apparecia na tribuna, como *um globo de luz* .”, é a phrase de JOAQUIM SERRA.

Que homem era esse, a quem se olhava como para a luz, numa época em que viviam aquelles estadistas do 2.º Imperio, cuja só recordação nos faz vibrar de justo patriotismo? E que especie de luz era essa, que alumia a Nação inteira?

Que homem foi esse, como professor, capaz de conseguir, sem o procurar, fazer-se o idolo de uma geração academica? Que especie de luz era essa, que, projectada da cathedra ou da tribuna, illuminava toda a Academia — a alma dos moços, como o coração dos velhos — na época talvez mais memoravel desta casa, da qual se pudéra dizer, sem exagero, que aqui e em Recife se concentravam as forças impulsionadoras da Nação?

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA e SILVA cursou as aulas desta Faculdade no quinquennio de 1845 a 1849, quando saiu bacharel formado. Quatro annos após, defendia theses e recebia o gráo de Doutor. Logo no anno seguinte, independente de concurso, e por seus merecimentos, contando apenas 27 annos, ascende ao logar de lente substituto da Faculdade de Direito do Recife. A jubilação de CARNEIRO DE CAMPOS “facilitou-lhe a satisfação de uma transferencia almejada” (CLOVIS). E aqui leccionou desde 14 de Junho de 1858 até a data de sua morte, só interrompendo o exercicio durante as sessões do Parlamento Nacional, onde teve assento como deputado, a principio, e depois, como Senador do Imperio.

Das alturas a que ascendeu seu magisterio, RUY dá-nos este testemunho:

Foi em 1868 quando comecei a ouvil-o. Vinha elle dessa memoravel sessão parlamentar que a omnipotencia da Corôa, por imperscrutavel mysterio de sua graça, houve por bem, depois de Humaytá, victimar á reabilitação de Timândro o partido de cujas sympathias populares o dymnasta se valêra para a campanha do Prata.

Quando José Bonifácio assomou na tribuna, tive pela primeira vez a revelação viva da grandeza da sciencia que abraçavamos. A modesta cadeira do professor transfigurava-se; uma expontaneidade esplendida como a natureza tropical borbuhlava dalli nos espiritos encantados; um sopro magnifico animava aquella inspiração caudal, incoercivel, que nos magnetizava de longe na admiração e no extase. Lembra-me que o primeiro assumpto de seu curso foi — *a retroactividade das leis*. Nas suas prelecções que a hora interrompia sempre inopinada, como dique importuno, a summa philosophia juridica, a jurisprudencia romana, os codigos modernos, a interpretação historica, o direito patrio, passavam-nos pelos olhos translumbrados em quadros incomparaveis, inundados da mais ampla intuição scientifica, impellidos por uma dialectica irresistivel”.

Ao par disso uma memoria miraculosa. Não foi somente RUY quem com ella se assombrou, porque a viu “arrastar em catadupa leis, datas, factos, brocardos, algarismos, idéas, fragmentos minimos de minerio precioso e enormes massas alluviaes de saber que se não imagina como aquelle Niagara pudesse carrear sem alteração de sua magestade, nem prejuizo de sua limpidez”, — memoria capaz de reconstruir, como a de *Scaligero*, a *Illiada* e a *Odysséa*, como a de *Macaulay*, o *Paraiso Perdido*, como a de *Pascal*, tudo o que elle tivesse lido uma vez”.

Todos que foram seus discipulos a ella se referem maravillhados. De um bem perto de mim (Meu Pae), ouvi sempre que, na aula de Direito Criminal, em 1878, JOSÉ BONIFACIO certo dia, reproduziu *ipsis verbis* paginas inteiras de BERTHAULD que certissimamente não lhe haveriam passado mais de uma vez sob os olhos. E’ que, quando o trecho de alguma obra correspondia á idéa que em sua propria mente havia formado do assumpto, elle se identificava tanto com o autor, que o repetia sem ter procurado decorar: o fundo e a fórma, a um tempo, empolgavam-lhe o cerebro.

Aliás, essa memoria prodigiosa não obumbrou já-mais o raciocinio, como sóe acontecer commumente.

Nas defesas de theses, era a catadupa desencadeada contra o candidato, que lhe ouvia, semi-tonto, as objecções torrencialmente formuladas. Quando falava, mesmo sem o querer, antes desejando conter-se, com nesses casos, operava-se nelle uma especie de transfiguração, que *petrificava* os *antagonistas* e arrebatava o auditorio a alturas desconhecidas (RUY).

Impossivel, quasi sempre, seguir-lhe o pensamento. Tinha-se a impressão de que a palavra do professor era mais veloz do que no alumno o poder de acompanhar o raciocinio que ella continha.

Dahi, censores que lhe improperam excesso de imaginação. NABUCO, por exemplo, nota que “o defeito de sua intelligencia, que o auditorio, magnetizado por elle, não enxergava, mas que ao leitor de seus discursos, o faz parecer um metaphysico fatigante, era uma subtileza levada ao infinito e ao absurdo”

Nessa critica de um homem do seu tempo, do valor mental de NABUCO, está o reconhecimento da primazia intellectual do novo ANDRADA. A mim (é de RUY, a observação) taes severidades se me afiguram como as de quem pretendesse corrigir os esplendores da criação pelas regras de arte dos salões de pintura.

Outros, em pólo opposto, increpam escassez de idéas originaes á palavra de J. BONIFACIO, que não teria passado de “um orador academico e poeta de talento, de quem os aduladores politicos tomaram bem cedo conta, mettendo-o nas regiões mysteriosas da mythologia de convenção”. (SYLVIO ROMERO).

Se por “aduladores politicos” se têm aquelles que haviam sido amigos e correligionarios dos ANDRADAS, a critica é inane, pois nenhum dos tres irmãos tinha mais sombra de poder, que se esvaira na morte, quando o neto do Patriarcha principiára a deslumbrar os homens e os partidos, os amigos como os adversarios, os discipulos

como os collegas. E todos nós sabemos que os amigos dos poderosos não cultivam a qualidade de prolongar a amizade nos filhos e, menos, nos netos dos que se foram. Como os gatos, os amigos politicos affeçoam-se sempre mais aos palácios do que aos seus temporarios occupantes.

Se os “aduladores” são os homens fascinados pela palavra do maior orador de seu tempo, por egual não tem senso a critica. A bajulação é uma obra mesquinha, filha de subalternos sentimentos. Como tal, não se a exerce por passatempo, antes collima, sempre, um fim utilitario. Porque escolherem a JOSÉ BONIFACIO para “encerral-o na região mysteriosa da mythologia de convenção”, se o politico nada lhes poderia dar? Se “sua excentricidade o tinha reduzido a um *politico platonico*, que vivia *solitario, afastado de todos, recusando tudo*”? (J. NABUCO) Se elle era, como *Lincoln*, “a incarnação do desartificio, da serenidade, do desprezo chão pela fortuna, pela posição, por todas as grandezas facticias que, entre nós, sobredoiram, em geral, nos homens politicos, as nullidades afortunadas”? (RUY)

Injusta de todo ponto a censura de escassez de idéas originaes na obra de J BONIFACIO. No Parlamento, elle discutiu as questões mais palpitantes da sua época. O liberalismo, nelle ingenito, manifestava-se toda vez que surgia um direito violado pelo poder. Pugnou por tudo quanto é nobre pugnar: pela libertação do voto; pela disseminação do ensino; pela moralização da justiça, pela autonomia municipal; pela reformação das leis de processo; pelo reconhecimento do principio do livre cambio; pela liberdade de costagem; pela representação das minorias; pela neutralidade dos governos, tanto na escolha dos candidatos dos partidos, como no acto da eleição dos representantes do povo. Ensinou que o maior infortunio politico está na ausencia dos partidos que não sejam baseados em idéas, assim como affirmou o supremo direito de revolução nos paizes, como o nosso, em que o titulo originario

de representante do povo, della provém. Sua eloquencia e sua coragem civica culminaram na defesa da abolição, immediata e incondicional, da escravatura.

Não serão, se o quizerem, — idéas originaes. Não são, porém, méras orações academicas pronunciadas em occasião de festas; são discursos feitos em plena lucta politica, quando qualquer dessas magnas questões vinha á tona pela occurrencia de um facto, pela apresentação de um projecto, pela oportunidade da affirmação de um principio.

Tudo quanto até agora está dito da vida de JOSÉ BONIFACIO, e o mais, e o muito mais que, com aquella elegancia de expressão e saber profundo, de nós conhecida, vae proporcionar a palavra de *Afranio Peixoto*, é para mostrar que commemoramos hoje o centenario de um grande homem; de um homem que resumiu uma geração; de um genio considerado tal em sua época e como tal reconhecido pela posteridade; de um formoso poeta, de um dos maiores oradores brasileiros; de um professor insigne; de um politico de idéas e de principios, que somente em pról dellas e dentro delles se moveu.

Tudo isso, porém, que muito é, já, não explica a ascendencia de JOSÉ BONIFACIO sobre toda uma geração academica do valor da em que viveu.

Que especie de luz via nesse homem a mocidade, a mocidade que sua alma de poeta comparava ás “andorinhas em busca da primavera e da luz”?

Que especie de força era a desse conductor de moços, recebido pela juventude academica de 1868 em um banquete politico de grandes proporções, que “assignalou data na memoria de quantos o celebraram”, e estes eram um RUY BARBOSA, e um CASTRO ALVES, um JOAQUIM NABUCO e um MARTIM CABRAL, um SALVADOR DE MENDONÇA e um

BARROS PIMENTEL, um AMÉRICO DE CAMPOS e um AMÉRICO BRASILIENSE?

Que espécie de homem era esse, de quem, no dia imediato ao de seu passamento, podia dizer J. NABUCO “é uma desgraça nacional, dessas que férem de morte uma geração inteira?”

Que espécie de homem era esse, para quem BRÁSILIO MACHADO não encontrava, na “política que deverá tomar por bandeira sua mortalha, por altar o seu tumulo, por arca o seu nome”, quem lhe pudesse recolher a gloriosa herança?” Que, “morto, parece ainda maior do que vivo”?

Essa luz era *o ideal*; essa força era *o caracter*; esse homem era simplesmente . . . *José Bonifácio, o moço*.

“O idéal transbordava delle. Comtudo, não se poderia dizer que pertencesse genuinamente a essas raças sonhadoras que se gastam em cata do idéal. Naquelle indole vivaz em todas suas disposições, não era menos prompto do que a faculdade poetica o senso da realidade. Homem a um tempo de contemplação, vontade e acção, dir-se-ia haver escripto para divisa sua aquelle seu verso do *Redivivo*:

“Meu braço é raio, o coração, muralha”.

Democrata, progressista e liberal de nascença, tinha o entusiasmo da lucta pelo futuro, e nunca hesitou em arriscar sua pessoa no combate peito a peito contra os interesses entronizados de sua época. “Não era o vate a quem se dissésse:

Ton rôle est d'avertir et de rester pensif”,

mas o lidador infallível nas pelepas decisivas”. (RUY BARBOSA).

Porisso, seu vulto ficou sendo, aos olhos dos moços, a encarnação mais fascinadora das idéas liberaes.

Mas, acima disso, José Bonifacio, “indomavel pela rigidez immaculada de seu character” (B. MACHADO), venceu a mocidade, não tanto porque “sua palavra fosse um clarão”, mas porque “seu character era uma claridade” (J. SERRA).

Ninguém jamais precisou indagar onde estaria elle: onde a intuição da consciencia reveladora das regras do bem, “essa luz moral que nunca devemos perder de vista” (A. HERCULANO), mostrasse a cada um a morada do bello e do justo, do nobre e do verdadeiro, ahí estaria JOSÉ BONIFACIO.

A palma da victoria lhe adveio da conformidade de suas palavras com sua vida. Sua victoria é bem a victoria do homem puro.

A commemoração de hoje não é um pranto á memoria de José Bonifacio; elle não n’o queria.

*“Quando eu morrer, ninguém venha chorar-me;
Lancem meu corpo á solidão sem termos;
Eu amo aquelles céos, aquelles ermos,
Onde a tristeza, Deus, vem consolar-me”.*

Ella, ao envez, realiza uma de suas aspirações de poeta:

*“O’ Deus de Amor, ó Deus de Criação,
Prende minh’alma aos musgos do caminho,
Derrete-me no espaço o coração”.*

Sua alma de patriota ficou presa aos musgos do caminho da vida nacional, seu coração derreteu-se no espaço occupado pela Patria, para que a vibração de uma e o pulsar de outro fizessem sentir a cada um de nós que, para a grandeza do Brasil, carecemos imital-o na pureza do ideal e na immaculabilidade do character, e trabalhar por que se constitúa aquelle que foi o idolo de uma geração, em exemplo de todas as gerações.

Moços da Academia:

Esta commemoração é um ensinamento: recolhei-o.

José Bonifacio, o moço, é um symbolo: tomai-o como vosso.

